



ANAIS

Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Coratima

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O COMPLEXO ORACIONAL EM EDITORIAIS: UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL

THE CLAUSE COMPLEX IN EDITORIALS: A SYSTEMIC-FUNCTIONAL ANALYSIS

Thamara Santos de Castro¹
Isadora de Vasconcelos Picanço²

Resumo:

Para desenvolver as habilidades de leitura e escrita na Educação Básica, é necessário que se possibilite ao aluno uma reflexão sobre os recursos linguísticos que lhe são disponibilizados. “Em uma gramática funcional, (...) uma língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhados de formas por meio das quais os significados podem ser realizados” (HALLIDAY, 1994, p. xiv.). Neste trabalho, apresentou-se a perspectiva de Halliday & Matthiessen (2004) sobre o complexo oracional, o que tradicionalmente é conhecido por período composto. Por meio de quatro exemplares de editoriais, partiu-se da hipótese de que a construção do nexos oracional contribui para o desenvolvimento da argumentação e do percurso textual. A cada etapa do gênero, observaram-se os tipos de relações táticas e lógico-semânticas que a compunham, relacionando-as à função comunicativa das partes do texto. Com este trabalho, observou-se que as estruturas elaborativas, de realce e extensivas são utilizadas com propósitos diferentes nas etapas de apresentação, argumentação e conclusão. Dessa forma, acredita-se que, quando relacionadas as estruturas do complexo oracional aos objetivos do gênero, o trabalho com sintaxe oracional pode ser menos metalinguístico, uma vez que a língua é trabalhada em situação real de uso.

Palavras-chave: LSF. Complexo oracional. Editoriais. Ensino.

Abstract:

To develop reading and writing skills in Basic Education, it is necessary to allow students to reflect about the linguistic resources that are available to them. “In a functional grammar, (...) a language is interpreted as a system of meanings, accompanied by forms through which the meanings can be realized” (HALLIDAY, 1994, p. xiv.). In this paper, it was presented Halliday & Matthiessen's (2004) perspective on the *clause complex*, which is traditionally known as the compound period. By means of four editorials, it was assumed that the construction of the clause nexus contributes to the development of argumentation and the textual process. At each stage of the genre, it was observed the types of *taxis* and *logico-semantic* relations that comprised it, relating them to the communicative function of parts of the text. With this paper, it was observed that the elaborative, enhancement and extensive structures are used for different purposes in the stages of presentation, argumentation and conclusion. Thus, when the

¹ Professora EBTT do Colégio Universitário Geraldo Reis (ColUni-UFF); Doutora em Estudos de Língua pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Grupo Sistemas, Ambientes e Linguagem (SAL). E-mail: castro.thamara@yahoo.com.br.

² Professora da rede privada de ensino do Rio de Janeiro. Doutoranda em Estudos de Língua pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudante vinculada ao grupo de pesquisa Sistemas, Ambientes e Linguagens (SAL). E-mail: isadoravpicanco@gmail.com.



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

structures of the complex clause are related to the goals of the genre, teaching syntax in schools may be less metalinguistic, since the language is being used in real texts.

Key words: SFL. Clause complex. Editorials. Teaching.

Introdução

Saber argumentar para persuadir e convencer é aspecto fundamental para a interação. Inúmeros são os gêneros textuais que têm como função social a persuasão, como os editoriais, os artigos de opinião, os discursos políticos ou mesmo uma simples conversa entre amigos cujas opiniões divergem.

Quando um falante nativo usa a língua, mesmo inconscientemente, ele faz escolhas linguísticas, que expressam quem ele é e em que tipo de cultura está inserido.

Para Halliday (1994), todo e qualquer uso que fazemos do sistema linguístico é funcional relativamente às nossas necessidades de convivência em sociedade. Ao usarmos a linguagem fazemos, portanto, uma série de *escolhas* dentre as possibilidades que o sistema linguístico disponibiliza. Em vista disso, precisamos desenvolver nossa consciência sobre os significados que as palavras e suas combinações em textos geram para alcançarmos efetivamente nossos propósitos em contextos específicos. (FUZER & CABRAL, 2014, p. 19)

Em gêneros textuais como o editorial, nota-se o posicionamento de quem enuncia. Por ser um gênero muito explorado na Escola Básica e por ser a estrutura argumentativa muito solicitada em concursos em geral, escolheu-se analisar alguns exemplares do gênero editorial, enquanto veiculador de posição institucional, para a verificação das escolhas léxico-gramaticais que contribuem para a expressão da opinião.

Baseando-se na Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1976; HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), entende-se que essas escolhas léxico-gramaticais são determinadas pela situação em que se desenvolve a interação. Portanto, adota-se uma perspectiva sociosemiótica da língua, ou seja, considera-se que o sistema social influencia na criação dos enunciados, o que se materializa no produto textual.

Por dar conta desse propósito, buscou-se investigar o complexo oracional (período composto) na construção textual no gênero editorial, representado por editoriais de jornais de grande circulação: Jornal do Brasil (RJ), Jornal O Globo (RJ), O Estado de São Paulo (SP) e Folha de São Paulo (SP), visando analisar a construção da argumentação e da defesa do ponto de vista do veículo por meio da enunciação do editorialista. Foram selecionados editoriais dos jornais publicados no mês de março do ano de 2018. Os exemplares abordavam diferentes temas em voga na época, o que é uma das características do gênero: manifestar a opinião do grupo proprietário e administrador do periódico sobre os fatos de importância e interesse para a comunidade e para a empresa (BELTRÃO, 1980).

Para desenvolver o estudo, realizou-se uma análise do gênero editorial, a partir da perspectiva teleológica de Martin (2000), a fim de considerar as etapas apresentadas para o



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

cumprimento de sua função social. Segundo Martin (2000, p. 62), “se gêneros são processos divididos em etapas, orientados por um objetivo, deve-se esperar que, de uma perspectiva funcional, suas peças construirão experiência, serão interativas e estabelecerão informação também”³. Assim, considerando-se essa construção, realizou-se uma análise em duas etapas: textual (categorização e sistematização das relações lógico semânticas dos complexos oracionais) e semântico-interpretativa (interpretação de verificação da contribuição dessas relações recorrentes para as etapas do gênero).

Dessa forma, considerando que, para Halliday & Matthiessen (2004), “na criação de um texto, nós escolhemos entre aumentar a oração ‘internamente’ por meio de um elemento circunstancial e aumentá-la ‘externamente’ por meio de outra oração em um complexo”⁴, acredita-se que a análise das estruturas do complexo oracional e de seus efeitos de sentido, de acordo com a etapa do gênero textual, pode permitir que o aluno reflita sobre os usos dos recursos linguísticos que lhe são disponíveis.

Linguística Sistêmico-Funcional

Em decorrência da defesa da perspectiva funcionalista na colaboração da formação de cidadãos críticos e conscientes, para desenvolver este trabalho, adotaram-se os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, teoria que tem como base de análise a língua inglesa. Ao se encarregar de trabalhar os usos da língua em seu contexto de uso, conforme (FUZER & CABRAL, 2014), essa proposta é sistêmica, pois vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados dos quais os falantes se servem para construir significados, fazer coisas no mundo; e é funcional, porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos.

Nesse sentido, por ser de base funcionalista, essa teoria assume uma postura centrada na noção de “função”. Para Halliday (1994), todo e qualquer uso que se faz do sistema linguístico é funcional relativamente às necessidades de convivência em sociedade. Ao usar a linguagem, os falantes fazem uma série de escolhas dentre as possibilidades que o sistema linguístico disponibiliza, o que ressalta o caráter paradigmático dessa teoria. Assim, cada escolha adquire um significado em detrimento de outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Logo, uma escolha feita revela, dependendo do contexto de comunicação, toda uma rede particular de outras escolhas disponíveis no sistema, ou seja, uma série de novas opções que se especificam em redes de possibilidades.

Sendo, portanto, a língua um sistema potencial de significados, a Linguística Sistêmico-Funcional, ao buscar entender como os textos conseguem ou não expressar seus significados utilizando as potencialidades da língua, atém-se às escolhas linguísticas feitas em um determinado contexto de comunicação e a como essas escolhas produzem significados, pois considera que a linguagem é usada no âmbito social para o indivíduo cumprir papéis sociais.

³ Texto original: (...) if genres are staged goal-oriented social processes, one might expect from a functional perspective that their pieces will construct experience, be interactive and stage information too.

⁴ Texto original: In the creation of a text, we choose between augmenting a clause ‘internally’ by means of a circumstantial element and augmenting it ‘externally’ by means of another clause in a complex.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Assim, a linguagem é considerada também, por isso, um recurso para fazer e trocar significados e, conseqüentemente, é um modo de agir, de dar e solicitar bens e serviços e informações.

Nesse processo de cumprimento de papéis sociais, segundo Halliday e Matthiessen (2004), produz-se o texto, que se refere a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que conhece e domina a estrutura da língua. Para os autores, se a linguagem é um recurso para criar significados, então o texto é um produto de fazer sentido no contexto. Por essa razão, o texto é uma construção de significados e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados na interação entre falante e ouvinte (FUZER & CABRAL, 2014).

Nessa interação, como afirma Schlee (2007), as escolhas linguísticas que farão a composição de um texto dependem do lugar social e do propósito de quem o produz, o que deixa claro que cada texto tem um propósito comunicativo específico, diretamente relacionado ao contexto de produção, de consumo e de circulação. Nesse sentido, o texto é produto de seu entorno, uma vez que qualquer uso linguístico que se constitua como um texto está sempre envolvido por um determinado contexto. Sendo, portanto, construído a partir do conjunto das circunstâncias que o cercam, o texto estabelece uma inter-relação com o contexto – não só o de cultura, como também o de situação.

As noções de contexto

Para a Linguística Sistêmico-Funcional, a noção de contexto é muito importante, já que considera o sistema linguístico aberto, isto é, em constante relação com o mundo externo, diferente da concepção formalista de sistema fechado e autônomo.

Halliday (1994) aponta dois contextos principais: o *de cultura* e o *de situação*. O primeiro engloba o segundo, onde está contido o texto. Ao contexto cultural pertencem todos os aspectos históricos, sociais, políticos de uma sociedade, ou seja, relaciona-se “ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições” (Fuzer & Cabral, 2014, p. 28). Já o situacional refere-se ao momento em que está inserido o texto. Dessa forma, os significados que os falantes querem “fazer” ou transmitir, a partir do contexto em que a interação está inserida, ajudam a configurar os recursos linguísticos.

Ou seja, a relação entre a língua e os seus contextos de uso, ou dito de outra forma, a relação entre um texto e o seu contexto, é de tal forma motivada que, a partir de um contexto, será possível prever os significados que serão ativados e as características lingüísticas potenciais mais previsíveis para as codificar em texto. Da mesma forma, dado um texto, será possível deduzir o contexto em que o mesmo foi produzido, porquanto as características lingüísticas seleccionadas num texto codificarão dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediato, situacional – quem diz o quê, a quem, por exemplo – como do contexto mais geral, cultural – que tarefa está o texto a desempenhar na cultura. (GOUVEIA, 2009, p. 25-26)

Para que a análise dos contextos de produção dos enunciados dos editoriais pela codificação textual seja possível, é importante que sejam apresentadas mais profundamente as *metafunções* e seus respectivos *sistemas gramaticais*.



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Corálina

 Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Metafunções da linguagem

Para Halliday (1994), a linguagem é utilizada para um determinado fim, ou seja, serve para satisfazer as necessidades de expressão daqueles que se utilizam dela para se comunicarem. Sendo assim, para o teórico, a linguagem deve ser explicada a partir das suas funções na vida social, as quais não se referem a algo que a integra. Por entender que toda a linguagem se organiza em torno de um propósito, Halliday (1994) revela as funções que o código linguístico desempenha nas sociedades a partir das estruturas internas da língua e estabelece, para os componentes funcionais da língua, três metafunções, que apresentam um sistema que viabiliza a realização de significados:

a) Metafunção Ideacional: focada na variável de Campo, realiza-se por duas funções: *experiencial* e *lógica*. A função experiencial materializa-se no texto por meio do sistema de transitividade, responsável pela descrição de toda a oração, formada por processos, participantes e eventuais circunstâncias. A função *lógica* realiza-se pelos grupos lexicais e pelo complexo oracional (Fuzer & Cabral, 2014: 33).

b) Metafunção Interpessoal: focada na variável de Relações, realiza-se no Sistema de Modo. Nesta, a oração é vista não só como representação da realidade, mas também como parte de interação entre falante e ouvinte, por ser o recurso gramatical pelo qual os sujeitos ativos do ato comunicativo se expressam e se representam, fazem perguntas e dão respostas, apresentam suas intenções e relações, desempenhando funções de fala.

c) Metafunção Textual: centrada na variante de Modo, é "responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais em um todo coerente" (FUZER & CABRAL, 2014, p. 127). Nesta, a oração é vista como mensagem, que se realiza, no léxico-gramatical, pela estrutura temática.

Dentro dessa perspectiva, ao oferecer infinitas possibilidades aos falantes, a língua oferta diversas opções para que os enunciados sejam produzidos de maneira significativa. Assim, se a estrutura dos textos é formada por orações e períodos, as orações tornam-se, sintaticamente, objeto para análise textual, já que apresentam sentido completo ao se organizarem em torno de um verbo.

Como, neste trabalho, abordou-se a função do *complexo oracional* (período composto) em editoriais, faz-se importante uma breve apresentação da teoria hallidayana sobre a relação entre orações e da teoria de gênero de Martin (2000).

Complexo oracional hallidayano

Adaptando a Gramática Sistêmico-Funcional da língua inglesa para a língua portuguesa, Halliday e Matthiessen (2004) chamam de *complexo oracional* o que, na Nomenclatura Gramatical Brasileira, é denominado *período composto*. Para os autores, as orações ligam-se umas às outras, construindo relações lógico-semânticas, representadas por segmentos



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corápolis

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

linguísticos presentes em mensagens textualmente relacionadas (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 428).

Segundo os autores,

Semanticamente, o efeito de se combinarem orações em um complexo oracional é de uma integração mais estreita no significado: as sequências que são realizadas gramaticalmente em um complexo oracional são construídas como subsequências dentro de uma sequência total de eventos que formam todo um episódio (...).⁵ (Idem, p. 430)

Para Halliday & Matthiessen, o que ocorre é a transformação de elementos circunstanciais em orações, podendo essa transformação ocorrer de duas formas: por *projeção* ou *expansão*.

Tabela 1: Projeção e expansão manifestadas na oração e no complexo oracional

	Oração		Complexo oracional
	Tipo de processo	Tipo de circunstância	Tipo lógico-semântico
Projeção	Verbal: ele diz	[ângulo]: de acordo com ele (é suficiente)	Citação: ele diz "é suficiente"
	Mental: ele pensa	[ângulo]: para ele (está muito quente)	Ideia reportada: ele pensa que está muito quente
Expansão	[relacional: intensivo]: ela era a líder	[papel]: como líder	[elaboração]: sendo líder
	[relacional: possessivo]: ele tem um cachorro; ele tem um sorriso simpático	[companhia]: com um cachorro; com um sorriso simpático	[extensão]: ele caminhou ao mercado e o cachorro também; ele se dirigiu a ela, sorrindo simpaticamente
	[relacional: circunstancial]: jantar seguido de celebração	[localização, extensão, causa, maneira, etc.] depois da celebração	[intensificação]: eles jantaram depois celebraram

Fonte: Adaptado de HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 433

Segundo os autores, a construção do complexo oracional é uma escolha entre as possibilidades da língua, uma vez que a informação pode ser transmitida por uma oração simples ou pela união de duas orações em um *nexo oracional*⁶.

Na criação de um texto, nós escolhemos entre aumentar uma oração 'internamente' por meio de um elemento circunstancial e aumentar 'externamente' por meio de outra oração em um complexo. A decisão depende

⁵ Texto original: Semantically, the effect of combining clauses into a clause complex is one of *tighter integration in meaning*; the sequences that are realized grammatically in a clause complex are construed as being subsequences of events that make up a whole episode (...). [grifo do autor]

⁶ Par de orações relacionadas por interdependência (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 441).



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Coraciânia

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

de vários fatores; mas a consideração básica tem a ver com o ‘peso’ semiótico textual, interpessoal e experiencial que é atribuído à unidade: quanto mais peso tiver, mais provavelmente será construída como uma oração interdependente em um complexo oracional mais do que como um sintagma circunstancial (ou grupo adverbial) aumentando uma oração.⁷ (Idem, p. 434)

Como observado na tabela, as relações lógico-semânticas de *projeção* relacionam-se aos processos de *dizer e pensar*, enquanto as de *expansão*, aos processos *relacionais* (intensivos, possessivos ou circunstanciais). Essas relações poderão ser conectadas por graus de interdependência, ou *Táxis*, formando os dois principais sistemas da metafunção lógica.

A respeito das relações táticas, Halliday e Matthiessen (2004, p. 438) consideram *parataxe* quando duas orações interdependentes têm o mesmo *status*, sendo potencialmente independentes uma da outra, ou seja, constituindo uma proposição por si só. Os autores apresentam as seguintes características para orações paratáticas: (a) podem ser “marcadas” por *tag questions*; (b) podem selecionar modos verbais diferentes; (c) podem ter versões correspondentes em sequências coesivas, sendo separadas por longa pausa (ponto).

Já as orações ligadas por *hipotaxe* são tratadas com *status* desigual, pois somente uma (*dominante*) poderia funcionar por si só, podendo ser “marcada” ou ter seu modo verbal modificado. Não há versão coesiva correspondente, e a oração *dependente* pode ser colocada tanto antes como depois da oração dominante. A escolha é determinada por considerações textuais e contextuais.

As relações de *táxis* podem expressar dois tipos de relações lógico-semânticas: *expansão* e *projeção*, como mencionado anteriormente. A relação de *expansão* ocorre quando a segunda oração expande a primeira, *elaborando-a*, *estendendo-a* ou *realçando-a/intensificando-a*; na de *projeção*, a segunda oração é projetada pela primeira, que a instancia como *locução* ou *ideia*. Assim, o conjunto básico de nexos oracionais possíveis é definido pelo entrecruzamento das relações táticas e lógico-semânticas. Neste trabalho, explorar-se-á a *expansão* e suas categorias, uma vez que se tem como interesse tratar da expansão da sequência textual linear, relacionando as representações léxico-gramaticais aos contextos de situação e de cultura.

Há três tipos de relação de expansão: *elaboração*, *extensão* e *realce/intensificação*. Na *elaboração*, uma oração expande a outra, reafirmando-a em outras palavras, especificando-a em maiores detalhes, comentando-a ou exemplificando-a. Na *extensão*, uma oração expande a outra adicionando algum elemento novo, apresentando alguma exceção ou oferecendo uma alternativa a ela. No *realce* / na *intensificação*, uma oração expande a outra “embelezando” seu

⁷ Texto original: In the creation of text, we choose between augmenting a clause “internally” by means of a circumstantial element and augmenting it “externally” by means of another clause in a complex. The decision depends on many factors; but the basic consideration has to do with how much textual, interpersonal and experiential semiotic ‘weight’ is to be assigned to the unit: the more weight it has, the more likely is to be constructed as an interdependent clause in a clause complex rather than as a circumstantial phrase (or adverbial group) augmenting a clause.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Universidade Estadual de Goiás
Campus Cora Coralina

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

entorno, qualificando-a com algum elemento circunstancial de tempo, causa, condição (Idem, p. 444).

Acredita-se que, com uma abordagem semântico-funcional, associando a estrutura léxico-gramatical aos propósitos comunicativos do gênero, o trabalho com o período composto na Escola Básica se tornará mais profícuo e menos metalinguístico.

Gêneros textuais e a perspectiva teleológica de Martin

Segundo Martin (2000), com base na Linguística Funcional, entendem-se os gêneros por uma perspectiva semântica com padrões de significados. O autor caracteriza gênero como um processo social em etapas, orientado para atingir um objetivo específico. Trata-se de um processo social, pois o gênero é utilizado para a interação em sociedade; em etapas, pois é necessária mais de uma fase de significado para se entender um gênero; e orientado por um objetivo, pois suas fases se desenvolvem para o atingir de um determinado fim (MARTIN, 2000).

Tendo o propósito comunicativo como foco para o desenvolvimento da análise de gêneros, para Martin (2000), o registro funciona como uma instanciação do gênero. As demandas do contexto de cultura, em que se realizam os gêneros, influenciarão as escolhas a serem feitas nas variáveis *campo*, *relações* e *modo*, que formam o contexto de situação.

Conforme Rose (2010),

gênero é modelado pela Escola de Sydney no estrato de cultura, acima do registro, como uma configuração dos padrões de campo, relações e modo. Neste modelo, “situação” e “cultura” são reconstruídos como estratos sociossemióticos – registro e gênero (...).⁸ (ROSE, 2010, p. 2)

Entende-se, então, que “o contexto de cultura é o pano de fundo no qual a situação está inserida, disponibilizando um potencial semiótico de realização” (VIAN Jr & LIMA-LOPES, 2005, p. 35). Ou seja, defende-se o caráter mutável das fases que compõem um gênero devido às demandas culturais em que a troca de mensagem acontece.

Segundo os autores, a metodologia proposta por Martin (2000) é composta de três etapas: a) descrição detalhada das funções e estruturas da língua, relacionando-as às dimensões contextuais de registro, à organização semântica e gramatical da língua; b) detalhamento dos estágios e das características de cada gênero; e c) reconhecimento de que as diferenças textuais refletem ideologias, dimensão contextual mais abstrata do modelo de estratificação linguística (VIAN Jr & LIMA-LOPES, 2005, p. 38).

Com base nessa abordagem, foram serão analisados editoriais, buscando contribuir para a ampliação da perspectiva de trabalho com gêneros textuais em sala de aula da Educação

⁸ Genre is modelled by Sydney School at the stratum of culture, beyond register, as a configuration of field, tenor and mode patterns. In this model, ‘situation’ and ‘culture’ are reconstrued as social semiotic strata – register and genre.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Básica.

Análise de corpus

O gênero editorial representa o posicionamento oficial da instituição jornalística sobre fatos de maior repercussão - seja em âmbito nacional, seja em âmbito internacional. Entretanto, essa posição, nas sociedades capitalistas, reflete um consenso de posicionamentos defendidos por acionistas, financiadores, anunciantes e pelo Estado (MARQUES DE MELO, 2003, p. 103-104). Por isso, cabe ao editorialista apreender e conciliar os diferentes interesses que perpassam a produção de um editorial.

(...) o editorialista é um argumentador que organiza seu texto com a nítida função de influenciar o seu leitor, conquistando-o, convencendo-o, fazendo-o agir ou pensar em uma determinada direção. O leitor, por sua vez, espera a manifestação da instituição jornalística sobre um fato de repercussão social no momento que o faça refletir e aderir, ou não, às posições defendidas no editorial. Espera, ainda, que o editorial diga ao mundo, constituindo-o e agindo sobre ele. (SOUZA, 2006, p. 64-65)

Nesse sentido, é possível afirmar, conforme Gomes (2007), que o editorial, enquanto gênero textual, tem como propósito interferir na formação da opinião pública necessária para a mobilização social. Para isso, são adotadas estratégias de organização argumentativa. Baseando-se na perspectiva de Martin (2000) de análise dos gêneros, de maneira geral, exemplares de editoriais apresentam as seguintes etapas: apresentação, em que se observa uma breve contextualização sobre o tema abordado e, às vezes, a tese defendida pelo editorialista; argumentação, em que se apresentam e desenvolvem informações que sustentam a opinião do jornal; e conclusão, em que se faz uma perspectiva futura, podendo ser positiva ou negativa.

Todos os editoriais foram publicados no mês de março de 2018. Cada um deles tem uma temática diferente: no primeiro, aborda-se a relação das redes sociais com propagação de notícias falsas e com as eleições estadunidenses; no segundo, apresenta-se a situação da renúncia do presidente do Peru, supostamente envolvido com corrupção; no terceiro, aponta-se o problema da violência e da ação policial no Rio de Janeiro; e, no quarto, aborda-se um incêndio ocorrido na base militar da Marinha do Brasil na Antártida.

Nos quatro textos selecionados, destacaram-se os seguintes trechos da primeira etapa de um editorial, a apresentação:

1.a) Ainda transcorrem nos Estados Unidos as investigações sobre a interferência russa para ajudar na vitória de Trump, há dois anos – **(i) em que o Facebook foi usado para distribuir notícias falsas, fake News, sobre a candidata democrata Hillary Clinton** -, **(ii) e surge outro escândalo muito semelhante**, (...). (Facebook em novo caso de manipulação eleitoral - O Globo, 22/3/2018)



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campos
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

2.a) Nem mesmo os poucos defensores remanescentes de Pedro Pablo Kuczynki, o PPK, acreditavam que ele pudesse ter sobrevida na Presidência do Peru, (...). Sua renúncia, **apresentada nesta quarta** (21), mostrou-se a única via possível para conter a agonia política. (Queda anunciada - Folha de S Paulo, 22/3/2018)

3.a) O crescente número de execuções de inocentes em assaltos e nos ajustes entre grupos criminosos, **além de ampliar a perplexidade dos cariocas indefesos**, parece mostrar, com toda clareza, a disposição das quadrilhas de partir para o enfrentamento (...). (Inteligência é preciso - Jornal do Brasil, 17/3/2018)

4.a) Em 2012, um incêndio de grandes proporções destruiu 70% da estação de pesquisa administrada pela Marinha do Brasil, **(i) causando a morte dos tenentes Carlos Alberto Figueiredo e Roberto Lopes dos Santos, (ii) que tentavam combater as chamas. (Em honra das vítimas** - O Estado de S. Paulo, 25/3/2018)

Iniciando a construção gradativa dos significados e apresentando o contexto do tema abordado, nos trechos (1.a), (2.a), (3.a), (4.a), observaram-se três estruturas elaborativas hipotáticas nos trechos (1.a (i)), (2.a) e (4.a) e duas estruturas de extensão nos trechos (1.a (ii)) e (3.a), sendo uma, paratática e outra, hipotática.

As elaborativas servem justamente para se fazer uma descrição do evento tratado. Segundo Halliday & Matthiessen (2004, p. 396), “na elaboração, uma oração acrescenta ao significado de outra especificando-o ou descrevendo-o mais detalhadamente (...)”⁹.

Já as estruturas de extensão - (...) e surge outro escândalo muito semelhante (...) / (...) além de ampliar a perplexidade dos cariocas indefesos (...) - aparecem para apresentar o tema tratado no editorial e, ao mesmo tempo, as apreciações as opiniões do editorialista, marcadas, principalmente, pelas palavras escândalo e perplexidade. De acordo com Halliday & Matthiessen (2004, p. 405), “uma oração estende o significado de outra adicionando alguma coisa nova a ele”¹⁰. Na primeira oração, a extensão paratática, além de adicionar algo novo, iguala o status das informações contidas nas orações primárias e secundárias. Na segunda, a extensão hipotática coloca as informações das orações primárias e secundárias em status desiguais, porém atrela o significado da secundária ao da primária.

Percebe-se que as escolhas por essas relações táticas e lógico-semânticas contribuíram para a etapa de apresentação, uma vez que as orações serviram para acrescentar significados que contextualizaram o leitor sobre os temas abordados nos editoriais.

Na etapa de argumentação, estágio do gênero em que se desenvolve a discussão, foram encontrados os seguintes trechos:

1.b) O trabalho foi financiado pelo bilionário Roberet Mercer, **que também fez grandes doações à campanha do candidato republicano**. (O Globo, 22/3/2018)

⁹ Texto original: In **elaboration**, one clause elaborates on the meaning of another by further specifying or describing it (...). [grifos dos autores]

¹⁰ Texto original: (...) one clause extends the meaning of another by adding something new to it.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus Cora Coralina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

2.b) **Embora ainda não se tenha comprovado algum favorecimento à empresa brasileira**, ele deixará aos peruanos más lembranças,(...). (Folha de S Paulo, 22/3/2018)

3.b) (...) os serviços secretos dos Estados Unidos conheciam, com detalhes, o risco de um atentado daquela magnitude, **mas guardaram para si, e só para si, dados referenciais que poderiam frustrar o crime**. (Folha de S Paulo, 22/3/2018)

4.b) “Rogamos a vossas excelências que sejam estudadas ações emergenciais (i) **para darmos continuidade às pesquisas científicas na Antártida (ii) e não tenhamos a situação insólita de uma casa Antártida sem cientistas**” (O Estado de S. Paulo, 25/3/2018)

Nos trechos acima, observaram-se uma estrutura elaborativa hipotática no trecho (1.b), duas estruturas de extensão paratáticas nos trechos (3.b) e (4.b (ii)) e duas estruturas de realce nos trechos (2.b) e (4.b (i)).

Nesse sentido, as elaborativas hipotáticas, como é o caso do trecho grifado em (1.b), expandem a primeira oração, colocando os detalhes em status desiguais, o que significa, portanto, que elas não funcionam por si só. Por outro lado, as estruturas de extensão paratáticas, estabelecendo relação de status igual, apresentam, respectivamente, uma exceção e um elemento novo à oração anterior. Por fim, as estruturas hipotáticas de realce expandem a oração primária por meio de elementos circunstanciais de causa-condição, sendo a primeira do tipo condição-concessiva, e a segunda, causa-finalidade.

Nessa etapa dos editoriais, essas estruturas foram utilizadas para introduzir informações que, de alguma forma, fortaleceram a argumentação pretendida pelo editorialista. Destacam-se as relações de realce causal, que embasam os argumentos por meio das expansões circunstanciais de condição, de concessão e de finalidade.

Na etapa de conclusão, foram encontrados os seguintes trechos:

1.c) Esta é outra faceta deste mundo novo: **enquanto circulam enxurradas de supostas informações misturadas com opiniões, sem que os consumidores desses maremotos de dados tenham condições de avaliar o que é verdade e o que é mentira**, a vida privada tornou-se um conceito do passado. (O Globo, 22/3/2018)

2.c) Confirma-se que é essencial para a própria democracia que o fluxo de informações, de dados e de opiniões na sociedade seja feito de forma transparente **e que haja cada vez mais consciência dos usuários desses sistemas digitais de difusão de textos, áudios e imagens que tecnologia por si só não garante confiabilidade**. (Folha de S Paulo, 22/3/2018)

3.c) (...) jovens ou meninos imberbes estão sendo levados à marginalidade, **de onde raramente sairão com vida**. (Jornal do Brasil, 17/3/2018)



ANAIS

Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campos
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

4.c) Não só para honrar o histórico de serviços prestados à ciência pelos pesquisadores brasileiros que já passaram pela EACf desde 1984, **mas, sobretudo, em honra dos dois militares que morreram tentando salvar a estação.** (O Estado de S. Paulo, 25/3/2018)

No trecho (1.c), encontram-se duas estruturas de realce, uma, de tempo e outra, de causa-condição/concessiva, que ajudam a retomar todo o contexto do editorial para chegar ao “fim da vida privada”. Nos trechos (2.c) e (4.c), encontram-se estruturas de extensão aditiva, ligadas parataticamente, indicando o acréscimo de informações igualmente importantes. Já no trecho (3.c), a elaborativa hipotática descreve uma perspectiva futura negativa, causando certo impacto no leitor.

Na conclusão, então, as estruturas em expansão são utilizadas para retomarem o assunto abordado no editorial, apresentando alguma proposta de solução para o problema ou uma perspectiva futura.

De acordo com Halliday (1994, xxii),

Um texto escrito nos é apresentado como produto; nós o alcançamos como produto e nos tornamos atentos a seu aspecto ‘processual’ como escritores, mas não como leitores ou analistas, a menos que conscientemente foquemos nas atividades que levaram a sua produção.¹¹

Segundo Gomes (2007), o editorial é um gênero jornalístico com ampla utilização no contexto escolar em decorrência da organização argumentativa ser favorável ao desenvolvimento da competência dissertativa dos estudantes. Assim, com o objetivo de fazer os alunos da escola básica enxergarem esse “aspecto processual”, torna-se fundamental perceber que mais importante que a nomenclatura e a metalinguagem é o entendimento sobre a função dessas estruturas nos textos e sua relação com o propósito social do gênero.

Considerações finais

Na análise dos exemplares do gênero editorial, pôde-se perceber como a escolha dos recursos léxico-gramaticais é influenciada pelo propósito comunicativo do gênero e das etapas de construção textual.

Assim, tendo como base uma gramática de base semântica, este trabalho permitiu a interpretação dos recursos linguísticos utilizados na construção dos editoriais, aproximando-se de uma visão de texto como processo. Ou seja, a gramática possibilita a interpretação adequada e profunda de um texto, pois é a base para uma compreensão textual e contextual, uma vez que texto e contexto têm uma relação recíproca. O contexto está encapsulado no texto, e texto é

¹¹ Texto original: A written text is presented to us as product; we attend to it as product, and become aware of its ‘process’ aspect as a writer but not as a reader or analyst, unless we consciously focus on the activities which led to its production.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Corálina

**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

uma instância do processo e do produto de um significado social em um determinado contexto (HALLIDAY & HASAN, 1989, p. 11).

A prática pedagógica pode aproveitar-se da descrição linguística de caráter semântico para ampliar os estudos de gramática em sala de aula, saindo da pura nomenclatura e metalinguagem, passando a um ensino mais dinâmico, que privilegie o uso e a função dos recursos léxico-gramaticais. Uma abordagem sistêmico-funcional apresenta ferramentas para um trabalho reflexivo com a língua, despertando no aluno o interesse pelas inúmeras possibilidades pragmático-semânticas que a gramática lhe oferece.

Referências

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2ed. London / New York, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Recife: UFPE, 2007 (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2007/teses/tese-valeria-gomes.pdf>

GOUVEIA, C. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. Rio de Janeiro: **Matraga**, 2009, v. 16, n. 24, pp; 13-47. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a01.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. **In: LYONS, John (org.). Novos horizontes em Linguística**. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K; MATHIESSEN C. M. I. M. **An introduction to function grammar**. 3ed. London: Routledge, 2004.

MARTIN, J.R. **Grammar meets genre: reflections on the Sydney School**. Department of Linguistics, University of Sidney, ago. 2000. p. 1-5. (Mimeo).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

ROSE, David. Genre in the Sydney School. **In:** GEE, James Paul; HANDFORD, Mike. **The Routledge Handbook of Discourse Analysis**. London: Routledge, 2010.

SCHLEE, Magda. Bahia. O finito e a modalidade em editoriais de jornal. **In:** 33rd International Systemic Functional Congress, 2007, São Paulo. **Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress, 2007**. p. 1007-1020.

SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife (PE): UFPE, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006 (Tese de Doutorado).

VIAN JR, Orlando; LIMA-LOPES, Rodrigo. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. **In:** MEURER, J.L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.